

Uma reinvenção dos saberes imemoriais nos contos de investigação criminal

GONÇALVES, Luiz Gonzaga - UFPB

GT: Educação Popular /n.06

Agência Financiadora: CAPES

(...) Tirawa, o espírito supremo, reside em todas as coisas, e tudo aquilo que encontramos no caminho pode nos socorrer... Fomos ensinados a prestar atenção a tudo o que vemos.

Fletcher

“O individual possível que engendrei como habitante do mundo de minhas crenças é o mesmo que o indivíduo do mundo real por quem alguém está procurando”.

Umberto Eco

O pensamento humano, por muitos milênios, habituou-se a lidar com os fenômenos vivos e suas constantes zonas de incerteza arriscando-se a captá-los, antecipando, através de pormenores reveladores, suas continuidades e/ou descontinuidades. Esse exercício de abstração aprendeu a ser continuamente submetido ao crivo dos desenlaces concretos, afinal um erro de avaliação poderia significar riscos de vida, carência alimentar, entre outras dificuldades. Cada um de nós já experimentou, alguma vez, a capacidade de antecipar mentalmente o desenrolar de um determinado fenômeno importante, certo de que o esforço antecipatório, possível graças a algum detalhe revelador, passaria inevitavelmente pelo crivo da prática.

As vertentes da apropriação de saber que partem de fragmentos de informação, de indícios, para prever um todo que se pretende inteligível, acabaram, via de regra, menosprezadas pela ciência, pelo seu escasso poder de reprodução, vindo a ganhar melhores acolhidas nos embates cotidianos, nas culturas orais e na literatura. Ainda assim, certas descobertas científicas importantes foram possíveis graças à abertura pessoal dos pesquisadores, os quais, casualmente ou por sagacidade, acolheram indícios inesperados ou,

ainda, chegaram a resultados válidos que estavam longe de ser procurados por eles.¹ Segundo Robert Merton (1970:172-73), uma pesquisa empírica exitosa, ao mesmo tempo em que comprova hipóteses teoricamente derivadas, pode também dar origem a hipóteses novas na teoria social. É o que ele chama de elemento de 'serendipidade' da investigação. Isso acontece quando se chega por casualidade ou por sagacidade a indagações e resultados válidos que não eram explicitamente procurados². Isto se desdobra de uma capacidade de 'ver' o que outros não puderam ver, de observar um elemento imprevisto, anômalo e estratégico, que pode trazer um "fato" para uma nova teoria ou para a ampliação de uma teoria já existente³.

Uma série de condições costuma ser considerada decisiva para as descobertas que implicam mudanças de concepções científicas. Epistemólogos da ciência, como Thomas Kuhn, acentuam que as gerações mais jovens, da comunidade científica, podem, muitas vezes, colocar-se de modo mais receptivo e permeável quanto à emergência de novidades. Isso, porém, não parece ser suficiente para esclarecer os caminhos das novas descobertas, pois o maior desapego dos jovens quanto às teorias previamente consolidadas terá de combinar-se com um refinamento perceptivo e um não conformismo que se desenvolve com algum lastro da experiência.

Um exemplo típico das descobertas casuais é o da penicilina, por Fleming. Sua atenção se concentrava no cultivo de bactérias vivas, com outros propósitos. Não havia qualquer iniciativa prévia com o intuito de identificar o *fungus penicilinum*. A descoberta tornou-se viável porque Fleming se deixou conduzir pelo fato imprevisto de que suas bactérias morriam, sendo que, no resíduo líquido do mesmo frasco, era perceptível um bolor esverdeado. Deste fato novo, brotou um projeto que cuidou de captar a correlação entre o bolor esverdeado e a morte das bactérias. O resultado da curiosidade do pesquisador proporcionou uma das grandes descobertas da medicina, os antibióticos.

¹ Isso corresponde ao que é chamado o tipo "serendipity" de descoberta, que corresponde a chegada casual e inesperada aos saberes e às descobertas científicas. A menção evoca os filhos do rei de Serendip, que eram sagazes o suficiente para dar notícia de um camelo fugidio apenas pelos vestígios que deixaram em torno da estrada, por onde viajavam. Ver também Merton (1970).

² No conto, *O soldado branqueado*, Sherlock Holmes (Doyle, 1982) faz uma observação, que talvez esclareça o que está em jogo: "Treinei-me para perceber aquilo que vejo"

³ Merton (op. cit. p173) destaca que o termo serendipity teria sido cunhado por Horace Walpole em 1754; Ginzburg (Eco e Sebeok:1983, 118) cita a data em 1845.

Na investigação aberta ao novo, não se obtém êxito efetuando meramente deduções lógicas, prevalece nesses casos uma capacidade de saber lidar bem com as surpresas da observação. O que importa é estar alerta para *extrair ou tornar explícita* [certa] *informação tácita*.⁴ É importante frisar, a informação tácita, capaz de gerar saberes, conhecimentos novos, depende de processos individuais de criação. É adquirida pela experiência de não conformismo, chegando, às vezes, a não ser manifestada exteriormente. A informação tácita que chega a se fazer explícita é transparente no sentido de afirmar que os saberes e conhecimentos não estão dissociados das habilidades singulares e dos seus contextos sociais, nem podem ser tratados como se fossem "coisas".

Os procedimentos dos detetives ajudam a esclarecer algumas de nossas dificuldades para exercitar o pensamento, especialmente porque os encaminhamentos de sistematização de conhecimento, na versão ocidental, e as próprias línguas indu-européias nos deixam, com freqüência, a ilusão de lidarmos com objetos, quando, na prática, estamos diante de processos vivos. Freire (1981: 117) vem nos alertando sobre isso desde a elaboração do livro, *Pedagogia do Oprimido*, quando recomenda que, nas investigações em torno dos processos sociais, o objeto de nossa análise se volte para a temática significativa, sem reduzir os homens como se fossem coisas. Quando as pessoas humanas são tratadas como "coisas", diz ele, esmagamos suas finalidades, como se as nossas finalidades fossem as únicas ou melhores.

Von Foerster (in Schnitman:62-63) alerta para o fato de que essa tendência para substantivar (nominalizar) abre possibilidades para converter um verbo (um processo) em um nome ou substantivo (coisa). Esta tendência em transformar processos em objetos ou coisas favorece na sociedade uma divisão entre os poucos que se encarregam das atividades exploratórias e inventivas e aqueles, muitos, que terão acesso aos processos apenas na condição de consumidores de produtos mais ou menos acabados ou de resíduos da inventividade humana.

Os livros didáticos e os currículos escolares, apegados prioritariamente a um grande volume de conteúdos de saber, considerados fundamentais, são grandes agentes desta

⁴ Intikka e intikka (in Eco e Sebeock, op. cit. 74) lembram que o exercício de *extrair ou tornar explícita informação tácita* fica de lado em praticamente todas as exposições filosóficas de raciocínio lógico, de heurística dedutiva e de metodologia de lógica e matemática.

transformação de processos em coisas ou produtos. Os saberes que desafiaram a astúcia, a observação persistente e a lógica humana podem acabar domesticados pelos mecanismos lineares da sistematização e da exposição. Assim, programas educativos prolongados podem perder os saberes que emergem das incertezas, dos enganos, das surpresas, das frustrações e dos sabores das conquistas inerentes aos riscos da investigação diante da (i)lógica da vida.

Na detecção seria extremamente improdutivo transformar processos em coisas. Os esforços da investigação criminal dirigem-se para as situações específicas que fazem surgir indicações, princípios provisórios, prontos para ser crivados pelo exame mais detido dos rumos dos acontecimentos⁵. Sherlock Holmes, por isso mesmo, mantém ao seu alcance um extenso e atualizado arquivo com um repertório multivariado de crimes audaciosos e interessantes do mundo todo. Não hesita em solucionar algum caso por analogia, como ele mesmo reconhece, tendo como inspiração os milhares de outros casos⁶. Os contos, *Um caso de identidade* e também *O nobre solteirão* são exemplos assumidos, de tramas resolvidas pelo auxílio de **soluções análogas**.⁷

Sherlock Holmes, no entanto, convida a admitir, no conto, *A Liga dos Cabeças Vermelhas* (Doyle: 2002,41), que a vida vai continuar a surpreender, afinal, o autor argumenta que, por efeitos e combinações imprevisíveis, ela é mais ousadamente inventiva do que o esforço de nossa imaginação. Os contos de detecção incitam o leitor a expandir sua imaginação, pincelando cenários e desafios perfeitos, para soluções surpreendentes. É mister, porém, que o pensamento do leitor desenvolva suas habilidades para acompanhar os esforços de investigação que seguem dos efeitos, muitos deles inexplicáveis, em direção às causas. O estilo, em geral, sóbrio e direto dos contos de natureza investigativa facilmente envolve o leitor. Este fica tentado a antecipar as soluções, as mais inesperadas, expostas no final da trama. Um outro mérito dos contos de detecção é convidar o leitor a utilizar o

⁵ As atividades de detecção ressaltadas pelos contos de Poe e Holmes se aproximam do método casuístico, na medida que este leva em conta o grande acúmulo de casos anteriores que servem de referência e priorizam princípios provisórios que precisam ser suficientemente flexíveis para adequar-se às injunções das situações específicas. Conferir sobre isso Atlan (In Pessis-Pasternak, op. cit. p. 81)

⁶ Peirce, citado por Sebeock e Sebeock (op. cit. 25), *refere-se à analogia como a combinação entre abdução e indução*.

raciocínio lógico, sem com isso inibir a contribuição da imaginação criadora, com sua capacidade de antecipar desfechos possíveis.

Os progressos da detecção criminal vão, dos vestígios superficiais, até o entrelaçamento das informações que alcançam respostas objetivas na medida em que o acerto final vai passar pelo crivo da prática. Obviamente que o alcance heurístico da projeção imaginativa do investigador vai depender da validade das pistas levantadas. Holmes é taxativo: considera um erro capital teorizar adiantando-se aos fatos, pois nesse caso é possível torcer os fatos para acompanhar teorias que não se sustentam⁸.

Sherlock Holmes e seu antecessor, Auguste Dupin, entre outros cérebros personagens dos contos policiais, celebrizaram-se como notáveis praticantes, urbanos e letrados, do legado antigo dos caçadores e rastreadores. Num dos contos de Conan Doyle, Holmes vai afirmar que o segredo de seu desempenho elucidativo está em seu preparo especial para notar aquilo que os outros somente vêem, incluindo uma atenção às coisas mais óbvias⁹. Essas competências, consideradas raras em nossa cultura, entre os grupos indígenas, e sertanejos acabam sendo cultivadas por todos e por todas, desde a infância. Eles sabem muito bem do que vão depender para garantir o alimento e a defesa de suas vidas.

No caso do público leitor, de tradição européia, essas competências aparecem como passíveis de ser cultivadas com grande talento por apenas alguns poucos dos seus seletos agentes. Mesmo assim, os procedimentos empregados por Holmes e o modo inesperado de concebê-los já despertam, de partida, um fascínio reconhecido nos leitores, que se renovam de geração em geração.

Projeta-se, assim, entre nós, como *avis rara*, aquele investigador amante do perigo, que adquire o treino (sem precisar de mestres) para reverter fragmentos de informação, detalhes dispersos, em pontes para contextualizar delitos e ações escusas. E mais, os ditos

⁷ Na primeira aventura de Sherlock Holmes (1999: 22), *Um estudo em vermelho*, este já se apresentava convicto de que se você conhecer todos os detalhes de mil crimes, dificilmente não desvendará o milésimo primeiro.

⁸ Ver as considerações de Holmes sobre o mesmo assunto, em *Um Escândalo na Boêmia* (Doyle, 2002:20) e *Um estudo em vermelho* (Doyle, op.cit.27)

⁹ Ver o conto, A Aventura do Soldado Branqueado em Conan Doyle. *Histórias de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro, 1982. P. 32-4

personagens preferem não se subordinar aos modelos institucionalizados de investigação criminal.

Não faltam, nos contos, os motivos que distanciam as abordagens dos investigadores autônomos e as abordagens da polícia especializada. Em *O Signo dos Quatro* (Doyle 1998:61), o investigador da polícia, denominando-se prático, reconhece os méritos de Holmes na solução de um caso anterior, mas chama-o de teórico e atribui o seu acerto à sorte.

Em *O Mistério no Vale Boscombe* (idem, 2002:66), Holmes vai derrubar a tese do policial Lestrade, sobre o assassinato acontecido, através do levantamento de indícios sutis, (uma pedra que havia sido removida de seu lugar original, resíduos de cinzas de um charuto, sob uma árvore), que resistem à aparente obviedade dos fatos e mudam completamente a versão sobre a autoria do crime. Os meios para se chegar às minúcias reveladoras, segundo Holmes, estavam, como ilustram outros contos como *O Caso do Nobre Solteirão*, acima dos métodos de Lestrade e, evidentemente, da percepção policial. Vários outros casos apresentados por Doyle e Poe mencionam os conflitos e a superioridade dos investigadores independentes, frente aos investigadores da instituição policial.

Em *Os Crimes da Rua Morgue* (Poe, 2001:32-65), Auguste Dupin considerava que o caso permanecia insolúvel para a investigação policial porque havia uma aparente ausência de motivos. Com isso, faltavam elementos para explicar o grau de violência do duplo assassinato, e o mistério por onde o criminoso teria se evadido do dormitório, localizado no quarto andar da residência, uma vez que a porta estava trancada por dentro. A polícia, no entender de Dupin, costumava ter sucesso quando os delitos obedeciam a determinadas regras suas conhecidas, mas não avançava quando os casos não se encaixavam nos limites da sua lógica.

Faltava à polícia, afirmava Dupin, uma dose extra de habilidade analítica, sustentada pela elevação da capacidade de observação. O esclarecimento do caso, no seu entender, dependia dos indícios levantados por uma maior aplicação dos sentidos. O prego rompido apenas aparentemente mantinha fechada a janela de guilhotina. Havia pêlos não humanos retidos na mão de uma das pessoas assassinadas. A extensão das marcas deixadas

no pescoço da vítima não eram comuns. Não havia consenso entre as testemunhas acerca dos gritos ouvidos. Havia uma série de indicações que permitiam antecipar a explicação da desproporcional violência dos fatos concretos.

No conto, *A carta roubada* (Poe, 2001), os procedimentos da investigação policial foram minuciosos no sentido de percorrer cada um dos eventuais esconderijos para a carta, no interior do aposento ocupado por um influente chantagista. Dupin chegou à conclusão de que o insucesso foi inevitável porque os policiais admitiam como engenhosas apenas as próprias idéias. Não conseguiam ultrapassar os próprios meios que utilizariam para escondê-la. No entanto, a argúcia de seu opositor estava acima da deles, de modo que a carta permanecia incólume e, ironicamente, camuflada em lugar de fácil acesso.

Poe nos oferece pistas, com *A carta roubada*, acerca da excelência do modelo indiciário, enquanto exercício para se colocar à altura do oponente. Exige-se que o investigador aprenda a aplicar os próprios esquemas de pensamento, de imaginação e ação para ir além da própria lógica e método, de modo a quebrar as barreiras internas que inviabilizam a identificação das manhas ou despistes do outro. É exatamente esta incapacidade de decifrar a (i)lógica do outro que se constitui na maior crítica oferecida pelos detetives autônomos à investigação institucionalizada.

2. Assimilar o Lugar do Outro: um Extraordinário Salto Hominizador

Pode parecer um despropósito situar, num campo de relações quase sempre considerado pouco nobre, as primeiras iniciativas da inteligência humana para arriscar a decifrar o outro. No entanto, o nosso ancestral, predador ardiloso, também susceptível de ser presa, completava o seu ciclo de saber, nutrindo-se da carne de sua vítima. É difícil negar que os saberes dos mais importantes para a afirmação do humano podem ter dependido, por muitos milhares, talvez milhões de anos, da exploração singular do ambiente e das habilidades para averiguar e levar vantagens diante dos hábitos, necessidades e limitações dos outros viventes.

Nossa corporalidade humanizável, se podemos dizer assim, por seu inacabamento, gerou estratégias inéditas capazes de potencializar seu empreendimento adaptativo. Para

recuperar uma feliz expressão de Sérgio Buarque de Holanda (1994:48), nossa corporalização alimentou-se multimilenarmente de uma sagaz aplicação do que dela deriva para *assistir a natureza*, habilitando-se à caça, à pesca, à coleta de alimentos e, nisso, atrever-se a ir e vir pelos espaços incertos e insidiosos de diferentes ecossistemas.

Desde muitos e muitos milênios passados, o convívio hominizante foi favorecido por uma plasticidade cerebral, pelo domínio dos sentidos, pelo fortalecimento muscular-nervoso, pela invenção de alguns instrumentos e técnicas facilmente reproduzíveis. Em outras palavras, o inacabamento humano, que nos dotou de uma versatilidade singular, de uma pluricompetência única, levou-nos a conquistar uma destreza corporal e alguns inventos aptos para, como dizia Pierce, selecionar as melhores hipóteses e, certamente, os meios aperfeiçoáveis para interagir no mundo vivo¹⁰. O trânsito pelo ambiente permitiu que aprendêssemos a adequar o que sabíamos sobre nós mesmos e sobre o outro, o diferente e provável vítima.

No entanto, a sedentarização humana dos últimos milênios, as especializações marcantes nas sociedades urbanizadas e centralizadas e certas comodidades trabalharam insistentemente contra a plasticidade corporal do humano e sua pluricompetência, cultivada coletivamente nas sociedades ditas primitivas.

Existe, todavia, uma aposta (Morin, s/d 304-05) de que estão emergindo as condições para reparar as perdas concernentes ao empobrecimento das pluricompetências humanas, pelas exigências da própria organização da sociedade. Para redimensionar a relação indivíduo/sociedade sem a subserviência de um para outro, seria necessário conceber um salto organizacional que supere a rigidez das especializações, das hierarquizações, das centralizações e de todo o tipo de subjugação/sujeição. A sociabilidade almejada passaria por um mais decidido desenvolvimento, aberto a todos, das capacidades humanas inventivas, criativas, cooperativas, estratégicas, ainda reprimidas, não consentidas para as grandes maiorias.

O modelo indiciarista de leitura da realidade apresenta contribuições interessantes para uma abertura possível nesta direção, pelo apreço ao desenvolvimento das

¹⁰ As melhores hipóteses de Pierce, segundo Sebeock e Sebeock (in Eco e Sebeock, op.cit27-28), são aquelas mais simples e mais naturais.

pluricompetências humanas. No entanto, o indiciarismo tem sobrevivido sem ganhar permanente notoriedade nas sociedades urbanizadas e centralizadas. As leituras indiciárias presentes nos contos de investigação criminal, ali encontraram forças para evidenciar seu modelo de abordagem da realidade.

Sherlock Holmes, por exemplo, defende o que chama de bom senso sistematizado, que aconselha a olhar para os problemas novos considerando a experiência do maior número de soluções quanto aos casos previamente esclarecidos. Entretanto, elege como motor da ação investigadora a imaginação humana, desde que as antecipações sobrevivam ao teste da realidade.

Como já antecipávamos, o arguto Dupin dá seu testemunho pessoal de que não basta considerar engenhosas apenas nossas idéias e concepções sobre as coisas, como é de praxe na lógica da investigação policial do seu tempo. O desapego das próprias idéias, dos princípios explicativos próprios, permite que o investigador não se desoriente, nem seja enganado quando a astúcia do opositor estiver acima ou abaixo da dele¹¹.

Holmes defende posições identificadas com as de Dupin, no sentido de importar-se em colocar em primeiro plano as idéias e os princípios do outro, daquele que está sob sua investigação. Entende que os resultados são obtidos mais facilmente quando o investigador se coloca no lugar do outro e tenta pensar o que teria feito, com relação a determinada circunstância. No conto, *O Ritual Musgrave* (Doyle, 1966,118), Sherlock Holmes afirma que se coloca no lugar do outro para **estimar** sua inteligência, para **imaginar** como teria agido nas mesmas circunstâncias¹².

Veja também como este tema volta a aparecer, de modo contundente, no famoso romance indiciarista do século XX, *O Nome da Rosa*. No confronto final entre Jorge e Guilherme de Baskerville, antes que o incêndio pudesse destruir criminosamente a biblioteca e todo o mosteiro do século XIV, reconhecia o astuto Jorge:

¹¹ Para maior detalhamento desta forma de compreensão, ver Poe (op. cit. 66-83).

¹² Acompanhe como essa discussão aparece no texto de Truzzi, (in Eco e Sebeock, op. cit. 59-88).

O sentimento de colocar-se no lugar do(a) outro(a) também toma conta do detetive Espinoza, no romance policial brasileiro, de Garcia-Roza(2001,173): *desceu as escadas da estação, tentando se colocar no lugar dela naquela manhã, com a multidão se comprimindo na plataforma de embarque, o fato de estar fazendo frio, corpos próximos uns dos outros, o barulho do trem se aproximando, o aviso pelo alto-falante para que não ultrapassassem a linha amarela de segurança, o esbarrão seco, a virada de corpo na tentativa desesperada de se agarrar a alguma coisa ou a alguém, e talvez a aterradora visão do rosto do assassino.*

*"Desde o primeiro dia **compreendi que compreenderias**. Pela tua voz, pelo modo com que me levaste a discutir sobre aquilo de que não queria que se falasse. Eras melhor que os outros, chegarias de qualquer modo. Sabes, basta pensar e **construir na própria mente os pensamentos do outro**. E depois ouvi que fazias perguntas aos monges, todas apropriadas. Mas nunca fazias perguntas sobre a biblioteca, como se já conhecesses seu segredo. Uma noite vim bater à tua cela, e não estavas. Estavas certamente aqui. Tinham desaparecido duas lamparinas da cozinha, escutei um servo dizer. E por fim, quando Severino veio te falar sobre um livro, outro dia no nártex, tive certeza que estavas no meu rastro." Eco (1983:523) (grifos meus)*

Nesta altura da investigação, é inevitável realçar as conquistas desse poder/saber de perceber o outro, de dar conta do movimento esquivo do vivente próximo (da mesma espécie ou não). Aclarar o lugar da diferença, do outro, do dissimulado, o mais independente possível dos nossos condicionamentos, do nosso viés subjetivo pode nos dar uma idéia do tamanho desse desafio.

Dar-se conta do outro, assimilar o dissimulado, ampliar os limites de memória, ampliar processos de cooperação e de comunicação, talvez tenham sido os exercícios mais surpreendentes através dos quais o humano perdeu a aderência a um movimento que lhe assegurava um determinado lugar mais estável e previsível na ordem da vida. Aprender a produzir e lidar com os enganos, as incertezas e os riscos incide profundamente em nosso processo hominizador. Essas aquisições não teriam compensado o retardo ontogenético humano para chegar ao apogeu de sua força e destreza física? A perfectibilidade humana parece originar-se, portanto, do próprio jogo instável e imprevisível de sua corporalidade viva e do aporte de seus multivariados e virtuais recursos socioculturais.

Os contos dos detetives podem, então, de alguma forma, ser sugestivos para admitirmos a presença viva das estratégias da inteligência, antigas como a humanidade. Estratégias que ajudam a lembrar o quanto é importante aprender a estar em contínuo estado de interrogação e de observação frente a tudo o que acontece ao redor. Essas disposições inteligentes acabam sendo buscadas por uma literatura multivariada, que, entre outras coisas, pretende reencontrar os caminhos fecundos do aprender, do saber, do conhecimento, do pensamento e da informação.¹³

¹³ Ver sobre o assunto, de Edgar Morin (2000), *Os sete saberes necessários à educação do futuro*; ver também de Hugo Assmann (1998) *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*.

É preciso enfatizar que o acesso atual a uma arte da inteligência viva e interrogante, apta para a observação e a retenção de detalhes e aspectos reveladores do mundo circundante e ao movimento do outro(a), pode ganhar uma perspectiva completamente inovadora e construtiva nas relações educativas. As pretensões de saber acerca do outro(a) para dominá-lo, detê-lo ou domesticá-lo é uma referência que não nos diminui, apesar de sua origem certamente pouco nobre. Mas, as artes voltadas para saber do outro, da outra podem muito bem ser revertidas para acompanhar e apoiar o(a) outro(a), no desenvolvimento de suas competências e aptidões singulares para adquirir saber e conhecimento.

É provável que esta seja uma grande aventura que ainda esteja para ser redescoberta plenamente. Aventura que começa com os sábios caçadores, com sábias e sábios coletoras(es) e pescadores. A conquista do território brasileiro é uma grande testemunha da relevância dos saberes indiciários e detalhistas dos guias indígenas, revividos pelos sertanejos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis, Vozes, 1999.

DOYLE, Arthur Conan. *Memórias de Sherlock Holmes*. 5ª ed. São Paulo. Melhoramentos. 1966.

_____, *História de Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1982.

_____, *O signo dos quatro*. São Paulo. Atica, 1998.

_____, *Um estudo em vermelho*. São Paulo. Melhoramentos. 1999.

_____, *As aventuras de Sherlock Holmes*. São Paulo. Martin Claret. 2002.

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1983, p. 35-45.

- ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991.
- _____, Chifres, cascos, canelas: algumas hipóteses acerca de três tipos de abdução. In ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 10ª Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1981.
- FOERSTER, Einz Von. Visão e Conhecimento: disfunções de Segunda ordem. In. SCHNITMAN (org.) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1996.
- Garcia-Rosa, Luiz A. *Vento Sudoeste*. São Paulo. Cia da Letras. 1999.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo Cia da Letras. 1989. P.143-79.
- _____, Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991.
- HINKIKA, Jaakko e HINKIKA, B. Merrill. Sherlock Holmes em confronto com a lógica moderna: para uma teoria da obtenção de informação através do questionamento. In ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª ed. São Paulo. Cia das Letras. 1994.
- KUHN, Tomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo Perspectiva. 1966.
- LEVI-STRAUSS. *O pensamento selvagem*. Campinas. Papirus. 1989.
- MERTON, Robert K. *sociologia: teorias e estrutura*. São Paulo. Mestre Jou. 1970.
- MORIN, Edgar. *O Método II: A vida da vida*. Lisboa. Europa-América. (s/d)..
- _____, *O Método III: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa. Europa-América. 1987.
- _____, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo. Cortez. Brasília. Unesco. 2000.
- PESSIS-PASTERNAK, Guita. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. 3ª ed., São Paulo. Ed. UNESP, 1993.

PIERCE, Charles. S. *Semiótica*. 2ª ed. São Paulo. Perspectiva. 1995.

_____, Escritos coligidos. São Paulo. Nova Cultural. 1989. (Os Pensadores).

POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. São Paulo. Martin Claret. 2001.

SEBEOK, Thomas A. e SEBEOK, Jean Umiker. Você conhece meu método: uma justaposição de Charles S. Pierce e Sherlock Holmes. In ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A.. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991.

TRUZZI, Marcelo. Sherlock Holmes: psicólogo social aplicado, em ECO, Umberto SEBEOK, Thomas A.. *O signo de três*. São Paulo, Perspectiva. 1991, p. 59-88.